

DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MODERNO: O CASO DO PAVILHÃO ARTHUR NEIVA

Barbara Cortizo de Aguiar, Elisabete Edelvita Chaves da Silva,
Inês El-Jaick Andrade e Rosana Soares Zouain*

RESUMO

Pretende-se, com este artigo, apresentar o Pavilhão Arthur Neiva, os principais estudos e intervenções realizados desde sua construção, e a análise do seu estado de conservação, a fim de contribuir para os recentes debates sobre os riscos, vulnerabilidades e desafios que envolvem a preservação do patrimônio moderno no Brasil na atualidade.

O Pavilhão Arthur Neiva apresenta o vocabulário formal da Escola Carioca da arquitetura moderna - com telhado em plano único, esquadrias de madeira e vidro e utilização de elementos de controle e amenização do clima. A articulação entre arquitetura e outras manifestações artísticas se faz presente nos painéis artísticos em azulejos e paisagismo integrados ao edifício, projetados por Roberto Burle Marx.

O Pavilhão de Cursos, como era conhecido inicialmente, foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural em 1998. Mais recentemente, em 2009, o painel de azulejos foi tombado pelo município do Rio de Janeiro, como parte das obras paisagísticas de autoria de Roberto Burle Marx.

Em 2015, o Pavilhão Arthur Neiva foi contemplado com um financiamento da Fundação Getty, dentro de sua iniciativa *Keeping It Modern*, que possibilitou a realização de estudos e avaliações que subsidiarão a elaboração do plano de conservação preventiva para o edifício.

Palavras-chave: Patrimônio moderno; Pavilhão Arthur Neiva; Plano de conservação preventiva.

ABSTRACT

The aim of this article is to present the Arthur Neiva Pavilion, the main studies and interventions carried out since its construction, and the analysis of its conservation status, in order to contribute to the recent debates on the risks, vulnerabilities and challenges that involve the preservation of modern heritage in Brazil today.

The Arthur Neiva Pavilion presents the formal vocabulary of the Carioca School of modern architecture - a single sloped roof with cement tiles, wood framed windows and the use of climate control artefacts. The articulation between architecture and other artistic manifestations is present within the artistic tile mural and landscape architecture integrated to the building, both of them designed by Roberto Burle Marx.

The Courses Pavilion, as the building was initially known, was registered as a state landmark in 1998. More recently, in 2009, the tiles mural was listed as a Rio de Janeiro city heritage, as part of Roberto Burle Marx's landscape and artistic work.

In 2015, the Arthur Neiva Pavilion was awarded with a Getty Foundation's Keeping It Modern Initiative grant, which enabled studies and assessments to support the preparation of the preventive conservation plan for the building.

Keywords: Modern heritage; Arthur Neiva Pavilion; Preventive Conservation Plan.

APRESENTAÇÃO

O Pavilhão Arthur Neiva, anteriormente conhecido como Pavilhão de Cursos, está localizado na porção norte do Campus Fiocruz Manguinhos, em uma área densamente arborizada. O edifício está voltado para a Avenida Brasil, a artéria viária inaugurada em 1946 e duplicada quatro anos depois. A edificação foi implantada em uma área conquistada por sucessivos aterros no mangue da Baía da Guanabara.

O acesso ao edifício é feito através de via interna ao *campus* de Manguinhos, que desemboca no estacionamento do Pavilhão Arthur Neiva e se comunica com a entrada de pedestres por escada lateral, na parte mais alta do terreno.

O pavilhão integra a linha poligonal da área de entorno ao Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos, idealizada pelo técnico

da então Fundação Pró-Memória, Edgard Jacintho, indicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como responsável pela proposta de delimitação da proteção em 1986. O Plano Diretor do campus de Manguinhos, elaborado em 1988, legitimou a área de entorno do Núcleo, congregando a área protegida pelos órgãos de preservação (conjunto edificado eclético e edificações modernistas) à área verde do *campus*¹.

Projetado em 1942 por Jorge Ferreira, arquiteto da Divisão de Obras do Ministério de Educação e Saúde, para abrigar o antigo Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, o Pavilhão Arthur Neiva foi idealizado dentro do vocabulário formal da Escola Carioca da arquitetura moderna - com telhado em plano único, esquadrias de madeira e vidro que contrastam com grandes extensões de paredes brancas e a utilização de elementos de controle e amenização do clima, tais como paredes vazadas, varandas e *brise-soleils*². A articulação entre arquitetura e outras manifestações artísticas é outra característica a ser destacada nesta produção arquitetônica e, que se faz presente, no Pavilhão Arthur Neiva, com a utilização de painéis artísticos em azulejos e o paisagismo de jardins integrados ao edifício - todos de autoria do paisagista Roberto Burle Marx.

Em 2015, a Fundação Getty, através do seu edital internacional *Keeping It Modern*³, aprovou a proposta submetida pela Casa



01 Destaque da localização do Pavilhão Arthur Neiva no Campus Fiocruz-Manguinhos.

02 Detalhe da localização do Pavilhão Arthur Neiva.

1 Neste momento, a área arborizada do campus passou a ser denominada “área de proteção”.

2 Estes elementos foram removidos em intervenção realizada na década de 1990

3 Iniciativa de alcance global, que tem como finalidade promover o conhecimento sobre a arquitetura moderna e a sua preservação.

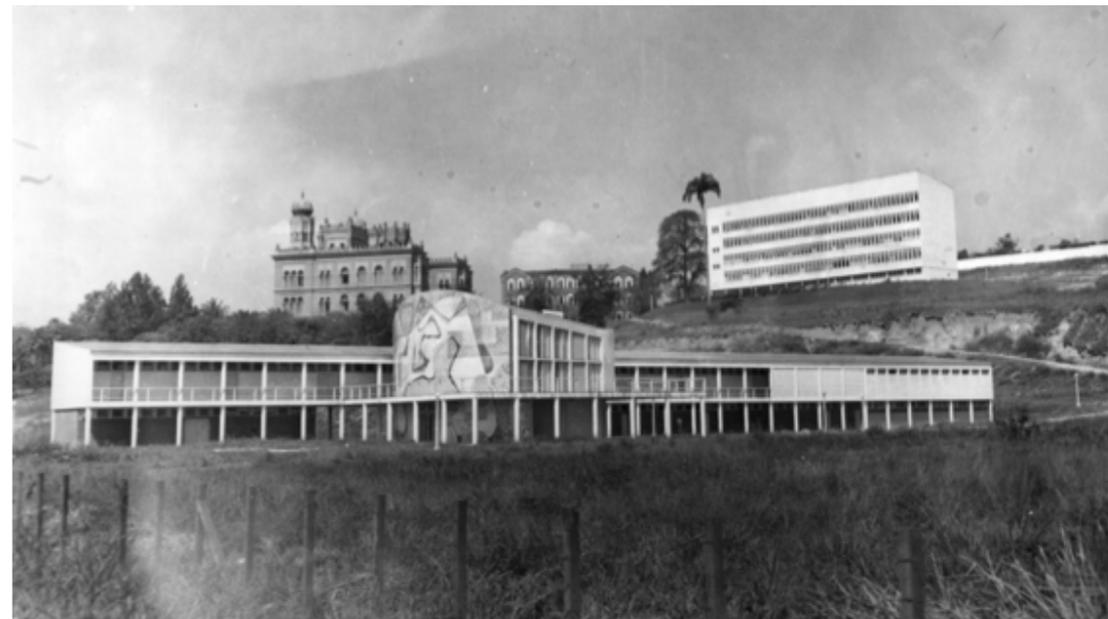
de Oswaldo Cruz⁴ para realizar estudos visando a preservação no Pavilhão Arthur Neiva - um dos exemplares da arquitetura moderna presentes neste campus da Fundação Oswaldo Cruz. A pesquisa, coordenada pela arquiteta Barbara Cortizo de Aguiar do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC), teve como escopo o desenvolvimento de estudos técnicos e aprofundamento do conhecimento sobre o Pavilhão, para subsidiar um plano de conservação preventiva para o edifício.

CONTEXTO INSTITUCIONAL DA CONSTRUÇÃO DO PAVILHÃO ARTHUR NEIVA

Quando Henrique Aragão assumiu a direção do Instituto Oswaldo Cruz (1942-1949), a arrecadação da instituição havia aumentado, resultado da transformação do Instituto - depois da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial - em peça importante na produção de soros, vacinas, plasma sanguíneo e penicilina. Diferente de Cardoso Fontes, seu antecessor, Henrique Aragão gostava de andar pelo campus (OLIVEIRA, 2003) e, por isso, conhecia bem os problemas relacionados à sua ocupação. Preocupado com sua delimitação física, durante sua gestão, Aragão estimulou a construção de novos pavilhões distantes do núcleo arquitetônico original (o Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos), marcando, assim, os domínios do Instituto Oswaldo Cruz na gleba.

4 Unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz, responsável pela documentação, divulgação científica, patrimônio cultural e história da ciência e da saúde.

03 Aparência do Pavilhão Arthur Neiva na década de 1950.



04 Acesso que existia para a Av. Brasil, sem data.

Durante a década de 1950, foram realizados investimentos em urbanização no campus, a exemplo da construção da portaria da Avenida Brasil (projeto de Nabor Foster de 1954) e a pavimentação das vias internas em blocos de concreto intertravados. Nessa época, foram implantados novos edifícios: o Pavilhão de Cursos (atual Pavilhão Arthur Neiva, figura 03), o Pavilhão de Patologia (atual Pavilhão Carlos Chagas), o Pavilhão de Biologia e o Pavilhão do Restaurante Central (atual Pavilhão Carlos Augusto da Silva). Esse crescimento também gerou modificações no conjunto arquitetônico original de Manguinhos, concebido por Luiz Moraes Jr.: o Quinino foi sobrelevado (1943) e foram construídos novos edifícios nas imediações do Núcleo Arquitetônico Histórico, o Pavilhão Lauro Travassos (c.1940) e o Pavilhão Adolfo Lutz (c.1950).

A utilização do vocabulário modernista nos novos projetos da Fiocruz, corresponde a um segundo período (1942-1974) do desenvolvimento do campus de Manguinhos. Todos os pavilhões projetados nesse período foram construídos utilizando-se materiais, sistema construtivo e estrutural característicos do movimento moderno, composto por estrutura independente de concreto armado, vedações de tijolos cerâmicos, panos de vidro e cobertura em telhas de amianto. (OLIVEIRA, 2003). Mas, mesmo neste período, é possível identificar duas fases distintas pela qualidade formal e técnica das edificações modernistas:

Os empreendimentos arquitetônicos da gestão de Henrique Aragão na década de 40, bem como os de seus sucessores na década de 50 estavam, portanto, perfeitamente consonantes com a vanguarda da

arquitetura da época. [...] Em Manguinhos os edifícios modernos implantados a partir da década de 60, com raras exceções, também atestam a perda da qualidade da arquitetura brasileira, fato agravado pela diversidade das propostas arquitetônicas provenientes de outras instituições do Ministério da Saúde (OLIVEIRA, 2003, p. 16).

Os projetos dos novos pavilhões foram desenvolvidos pela equipe da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde (DO/MES), composta por profissionais formados na década de 1930 na Escola Nacional de Belas Artes. Apesar de participar ativamente da elaboração do programa dos edifícios, Henrique Aragão não interferia na concepção arquitetônica dos projetos (OLIVEIRA, 2003), que seguiram os ideais modernistas que começavam a tomar força naquele momento.

O projeto do Pavilhão de Cursos, elaborado na década de 1940 pelo arquiteto Jorge Ferreira, foi construído entre 1947 e 1951. O arquiteto contou com a colaboração de Roberto Burle Marx, responsável pelo projeto de paisagismo (executado na década de 1950) e pelo desenho do painel de azulejos do bloco do auditório (figura 05). O artista ofereceu, como doação, o painel de azulejos, executado pela empresa Osirarte, pertencente a Paulo Rossi Osir, responsável pela execução dos painéis do Ministério da Educação e Saúde, com desenhos de Portinari. Na Fundação Oswaldo Cruz, Osir foi também responsável pelo desenho e execução do painel de azulejos do antigo Refeitório Central (OLIVEIRA, 2003).

03 Vista do painel de azulejos a partir da varanda do 2º pavimento.



A temática desse painel foi objeto de análise de Frederico Morais (1988), na qual destaca a influência do Modernismo dos anos 1940 e 1950 e faz referência à paleta cromática da obra integral:

A composição expande-se até os limites do muro, sangrando-o nas laterais e no alto quando, então, os azuis dos azulejos confundem-se com os azuis do céu, manchado de branco, enquanto na parte inferior o painel se confunde com o verde da vegetação, hoje. Linhas e planos de uma sinuosidade nervosa, ângulos, tensos e agudos, além de sólidos geométricos e

analogias naturalistas, criando profundidades que monumentalizam a composição. A forte curvatura do muro, que não é contida por nenhuma moldura, quase cria a ilusão de uma grande cúpula plantada no chão (MORAIS, 1988, p. 79).

A escolha do terreno, de acordo com Jorge Ferreira, foi motivada pela proximidade com a Avenida Brasil. Originalmente, havia ali um acesso para a avenida próximo ao pavilhão, que posteriormente foi fechado, possivelmente devido à construção, entre 1965 e 1970, do viaduto de Bonsucesso. Essa obra de infraestrutura urbana causou um aumento do trânsito na região e grande impacto no campus de Manguinhos (OLIVEIRA, 2003), inclusive a perda de uma parte do terreno da fundação para que se construísse a alça de acesso do viaduto, na margem da Avenida Brasil.

O PAVILHÃO ARTHUR NEIVA E SEUS JARDINS

A edificação é composta por dois blocos distintos que se cruzam ortogonalmente, interligados por uma laje suspensa por pilotis: um bloco retilíneo com ritmo severo de aberturas, destinado a salas de aulas e laboratórios e que apresenta pilotis sobreposto por uma varanda, e outro em forma de cunha (figura 6), que abriga um auditório, onde se destaca a parede externa revestida pelo painel artístico de azulejos de Burle Marx, retratando o Trypanosoma cruzi, vetor da Doença de Chagas, estudada pelos pesquisadores da instituição.

O Pavilhão Arthur Neiva possui estrutura independente formada por colunas e vigas em concreto armado e vedações em alvenaria

de tijolos cerâmicos. A cobertura do bloco longitudinal foi executada em laje plana de concreto armado, com vigas invertidas. As varandas e terraços do segundo pavimento possuem guarda-corpo formado por montantes e peitoril em concreto moldado no local. O sistema estrutural do edifício se desenvolve ao longo de um eixo horizontal no pavilhão com dois pavimentos e varanda. Na interseção entre os dois blocos, o arquiteto projetou um pátio aberto, que serve para abrigar uma área de convívio.

O projeto dos jardins do Pavilhão Arthur Neiva é um exemplo de composição paisagística que se conecta direta, estética e funcionalmente com a estrutura arquitetônica. Projetado por Roberto Burle Marx, juntamente com o painel de azulejos que reveste o bloco do auditório da edificação, supõe-se que projeto de paisagismo tenha sido executado no início da década de 1950.



04 Vista bloco do auditório partir da varanda do 2º pavimento

A composição paisagística tem dimensões modestas e se desenvolve em dois cenários: o da Avenida Brasil e o do pátio do pavilhão. Apesar de utilizar a mesma linguagem pictórica na seleção das formas e texturas dos canteiros, a composição acaba por invocar duas experiências estéticas diferentes ou intenções de projeto com programas de necessidade distintas.

O lado voltado para a avenida, com portão de acesso de pedestres (figura 04), era originalmente coberto por uma ampla superfície gramada que se estende do muro até os blocos do pavilhão. Nesta, ainda hoje, é pontuada a presença de um canteiro em ameboide de forração. É possível imaginar o impacto visual causado aos que trafegavam pela avenida pelo contraste entre os tons de verde do jardim e o conjunto de painéis de azulejo⁵ em tons de azul.

Ao distanciar-se do cenário rotineiro da avenida, o canteiro delimitado pelos planos verticais do pavilhão e pela aleia de árvores de grande porte (no limite da composição) forma uma espécie de pátio interno. As varandas do segundo pavimento e as áreas livres dos pilotis estão voltadas para esse pátio, convidando a uma atmosfera de convivência e encontro entre os alunos, trabalhadores e visitantes da edificação. Apesar do canteiro ter uma forma simples de rotunda de circulação, a composição original apresentava uma variedade florística de formas abstratas de manchas de forração. O mobiliário urbano (que se limita a bancos) só foi introduzido posteriormente ao conjunto, levando a crer que a intenção era que as atividades de convivência seriam praticadas ao redor do canteiro e na área dos pilotis e nas varandas.

5 Inicialmente, o painel de azulejos era muito maior e ocupava, também, paredes no primeiro pavimento. As peças removidas estão armazenadas em depósito do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz.

O espaço verde teve uma conformação florística bastante variada ao longo da sua existência contendo, atualmente, poucos vegetais que poderiam se relacionar ao projeto original de Burle Marx. A partir da documentação levantada, a composição paisagística original parece ter permanecido íntegra até a década de 1970, mas os jardins do Pavilhão Arthur Neiva sofreram alterações significativas.

A transformação do canteiro vegetado em rotunda para veículos, espaço atualmente denominado *Praça Carlos Chagas*, colaborou para mascarar a premissa da composição original. O desenho do canteiro não permite um aproveitamento adequado da área como espaço de lazer e o intenso fluxo de veículos no entorno compromete este uso. Assim, a praça se torna um espaço de passagem e não de permanência. Os bancos colocados estão embaixo de uma frondosa árvore de jambolão cuja coloração dos frutos provoca manchas nas superfícies dos bancos e pisos. A supressão da superfície gramada do canteiro frontal, associada a introdução de uma extensa bordadura de arbustos em pingo de ouro, também prejudica a leitura do conjunto arquitetônico.

TOMBAMENTOS E INSTRUMENTOS DE PRESERVAÇÃO

Após um período de crise institucional, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970, a partir do final da década de 1970, começa a ser conduzido um amplo programa de recuperação física da instituição, onde foram conduzidas reformas para remanejamento de laboratórios, construções de edifícios abrigar novas atividades, abertura de vias internas, etc. Neste período, foram construídos

vários anexos no entorno do Pavilhão Arthur Neiva, modificando inclusive o traçado das vias e jardins contíguos ao edifício (COSTA, 2017).

Com a criação da Casa de Oswaldo Cruz (COC) em 1986, a Fiocruz passou a contar com uma unidade dedicada à história e memória institucional que inclui, entre outras atividades, a preservação do patrimônio edificado presente no Campus Fiocruz Manguinhos, através da atuação do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). No início da década de 1990, diante da ameaça de obras que descaracterizariam os edifícios modernos, os arquitetos deste departamento, com o apoio da presidência da Fiocruz, encaminharam ao Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), o pedido de tombamento do então Pavilhão de Cursos e do Restaurante Central.

Os dois pavilhões foram inscritos pelo Inepac no livro do tombamento histórico e artístico estadual (E-18/001.538/98) em 2001, identificados enquanto exemplares modernistas integrantes do conjunto histórico e arquitetônico do *campus* de Manguinhos. Foram incluídos no tombamento desses edifícios, os painéis de azulejos de Roberto Burle Marx para o Pavilhão Arthur Neiva e de Paulo Rossi Osir para o Pavilhão Carlos Augusto da Silva.

No processo de tombamento foi realçada a importância destas edificações enquanto exemplares cariocas da primeira geração modernista da arquitetura. As características modernistas foram ressaltadas pelo Departamento do Patrimônio Cultural e Natural da Secretaria de Estado de Cultura e Esporte, através de memorando de sua diretora, a arquiteta Maria Regina Pontin de Mattos em 10 de agosto de 1998.

Os edifícios em tela concentram todas as características modernas da arquitetura corbusiana o uso do concreto armado, dos 'pilotis', dos 'brisesoleis' e das azulejarias no caso de autoria de Roberto Burle Marx e de Paulo Rossi Osir.

O rigor geométrico das massas construídas contrasta com a leveza das curvas e a transparência das lajes sobre pilotis, resultando numa predominância dos vazios sobre os cheios (INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1998, p. 04).

Os bens tombados na esfera estadual estão submetidos ao Decreto-Lei nº 2 de 11 de abril de 1969, que estabelece procedimentos para aprovação de intervenções nos bens sob a sua tutela. Entre as medidas reguladoras, destaca-se o artigo referente à abrangência do bem tombado, estando incluídos em sua regulação a definição de usos e do entorno imediato.

Sem a prévia audiência da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico não se expedirá nem se renovará licença para obra, para afixação de anúncios, cartazes, ou letreiros, ou para instalação de atividade comercial ou industrial, em imóvel tombado.

Parágrafo único – O disposto neste artigo aplica-se também às licenças referentes a imóveis situados nas proximidades do bem tombado, e à aprovação, modificação ou revogação de projetos urbanísticos, inclusive os de loteamento, desde que possam repercutir de alguma forma na segurança, na integridade estética, na ambiência ou na visibilidade

do bem tombado, assim como sua inserção no conjunto panorâmico ou urbanístico circunjacente (GUANABARA, 1969, Art. 7).

O painel de azulejos do Pavilhão de Cursos foi inscrito no livro do tomo municipal em 2009 (Decreto n.º 30.936, de 4 de agosto 2009) por integrar o conjunto de obras representativas do artista Roberto Burle Marx na cidade do Rio de Janeiro. Dois anos antes, havia iniciado, no âmbito da então Secretaria Extraordinária de Patrimônio Cultural, um estudo para a proteção das obras paisagísticas de Roberto Burle Marx (1909-1994) na cidade do Rio de Janeiro, como parte das comemorações do centenário do seu nascimento. Essa iniciativa de estudo surgiu a partir de uma solicitação da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas para o tombamento das obras paisagísticas de Roberto Burle Marx na cidade (ANDRADE, 2010).

Os estudos para o tombamento das obras de Roberto Burle Marx foram iniciados com o levantamento bibliográfico e iconográfico a partir de fontes secundárias com o objetivo de confeccionar uma listagem de todas as obras paisagísticas de sua autoria, na cidade do Rio de Janeiro – conjunto que totaliza mais de 200 obras com autoria atribuída ao paisagista, como jardins, painéis, muros e outros equipamentos formadores da paisagem, incluindo os projetos não executados. Diante do universo numeroso de obras identificadas e dificuldades de acesso tanto aos projetos originais quanto às próprias obras, muitas situadas em imóveis privados, o grupo responsável pelo estudo definiu etapas de trabalho e estabeleceu critérios de classificação das obras, onde as primeiras a serem classificadas seriam as obras produzidas para para órgãos públicos ou locais de acesso público (MAGINA e MELLO, 2009).

A listagem final cobre um período de quase 50 anos de produção (entre os anos de 1946 e 1993) e apesar de representar “uma pequena fração de todas as obras produzidas por Burle Marx para o Rio de Janeiro podem ser consideradas representativas de sua atuação na cidade pela localização, extensão ou abrangência visual” (MAGINA e MELLO, 2009). Dentre as obras tombadas neste período, encontra-se o painel do antigo Pavilhão de Cursos, no Campus Fiocruz Manguinhos.

A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA PARA A PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS DA FIOCRUZ

A primeira iniciativa relacionada à conservação preventiva na Casa de Oswaldo Cruz, teve início em 2008, com a criação de um grupo de trabalho multidisciplinar composto por representantes dos departamentos da Casa, com o objetivo de “conceber, organizar e desenvolver ações para a implantação de Planos de Conservação Preventiva” (COELHO, 2017, p. 37). Um dos resultados alcançados pelo grupo foi a realização da pesquisa *Conservação Preventiva dos acervos preservados da Casa de Oswaldo Cruz*⁶, desenvolvida entre 2009-2010, com o objetivo de “identificar as principais causas de deterioração e riscos potenciais aos acervos e testar metodologia de diagnóstico de conservação integrado” (COELHO e CARVALHO, 2015, p. 112).

⁶ A pesquisa contou com a colaboração da Fundação Casa de Rui Barbosa, através de acordo de cooperação técnico-científica estabelecido entre as instituições (COELHO, 2017).

Em 2013, a Casa de Oswaldo Cruz publicou a *Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais da Ciência e da Saúde*, que tem como ações estruturantes a gestão de riscos, preservação sustentável, pesquisa e desenvolvimento em preservação de acervos, educação patrimonial e a conservação preventiva, esta última entendida como:

Conjunto de medidas e ações definidas de forma multidisciplinar, com o objetivo de evitar e minimizar a deterioração e a perda de valor dos bens culturais. Essas medidas são prioritariamente indiretas, não interferindo no material nem na estrutura dos objetos. Engloba ações de pesquisa, documentação, inspeção, monitoramento, gerenciamento ambiental, armazenamento, conservação programada e planos de contingência (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ, 2013. p. 8)

Um dos programas previstos no documento da Política foi o *Programa de Conservação e Restauração dos Acervos*, desenvolvido entre 2016 e 2017, com o objetivo de propor ações estratégicas para preservação de seus acervos por meio do estabelecimento de planos de conservação preventiva.

A metodologia adotada na elaboração do *Plano de Conservação Preventiva do Pavilhão Arthur Neiva* é resultado da pesquisa citada anteriormente e prevê o desenvolvimento do plano em quatro módulos: caracterização, diagnóstico, avaliação de riscos, e definição dos procedimentos (COELHO, 2017).

A INICIATIVA KEEPING IT MODERN E O PAVILHÃO ARTHUR NEIVA

Ao longo de sua existência, o Pavilhão Arthur Neiva passou por algumas alterações visando a modernização de suas instalações, de modo a continuar a desempenhar as funções para as quais foi projetado. A intervenção de maior porte realizada no edifício ocorreu no início da década de 1990, antes do seu tombamento, com o consentimento do próprio autor do projeto (OLIVEIRA, 2003).

No primeiro pavimento, houve um acréscimo da área do primeiro módulo de salas, modificando a volumetria da fachada voltada para a Av. Brasil (figura 07). Houve ainda a ampliação deste módulo em direção ao vão livre formado pelos pilotis, onde se localiza a escada de acesso ao segundo pavimento. Nesta área, foi implantada uma cantina com balcão aberto para a área de convívio. A pavimentação externa foi modificada com a adoção de revestimento em pedra portuguesa branca, intercaladas por placas de cimentado.

A volumetria bloco do auditório foi modificada no primeiro pavimento com a criação de uma parede lateral curva em substituição à parede reta existente e foram instaladas novas esquadrias em metal. No segundo pavimento, os vãos existentes nas paredes laterais foram fechados e os brise-soleils removidos, mantendo-se apenas a marcação dos vãos originais.

As modificações realizadas posteriormente, se referem à modernização das instalações prediais, instalações de equipamentos de climatização e adequações das salas utilizadas

07 Vista do Pavilhão Arthur Neiva a partir da Av. Brasil, onde se pode notar a modificação da fachada frontal do bloco retilíneo



pelos laboratórios às normas de biossegurança. Algumas modificações internas são, de maneira geral, reversíveis ou pouco significativas.

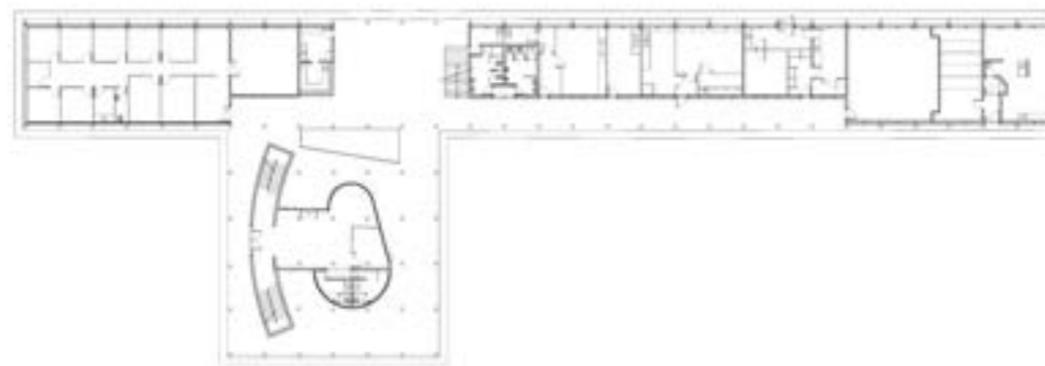
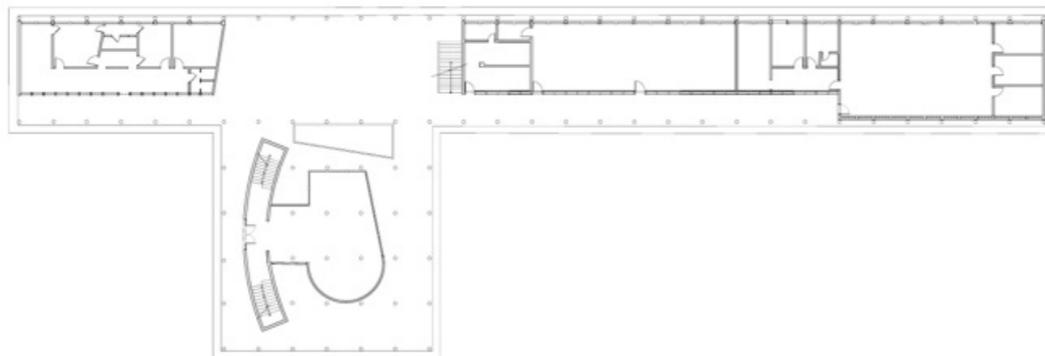
Outras intervenções como os acréscimos na área livre do pilotis, a modificação dos vãos que se abrem para as varandas, a profusão de instalações aparentes e a vedação de algumas esquadrias, geram um impacto significativo na leitura do edifício. Embora modificado, o Pavilhão Arthur Neiva ainda preserva a lógica de sua distribuição espacial e parte dos materiais originais, permitindo reconhecer os atributos inerentes à sua concepção arquitetônica.

Em 2012, a ampliação da oferta de cursos no Instituto Oswaldo Cruz, gerou a demanda pela instalação provisória de estruturas

modulares para abrigar salas de aula no entorno do Pavilhão. Em contrapartida, foi negociada a remoção de alguns anexos que haviam sido construídos muito próximos ao edifício. Ainda assim, o entorno do edifício ainda mantém algumas edículas utilizadas como depósito e apoio às atividades dos laboratórios.

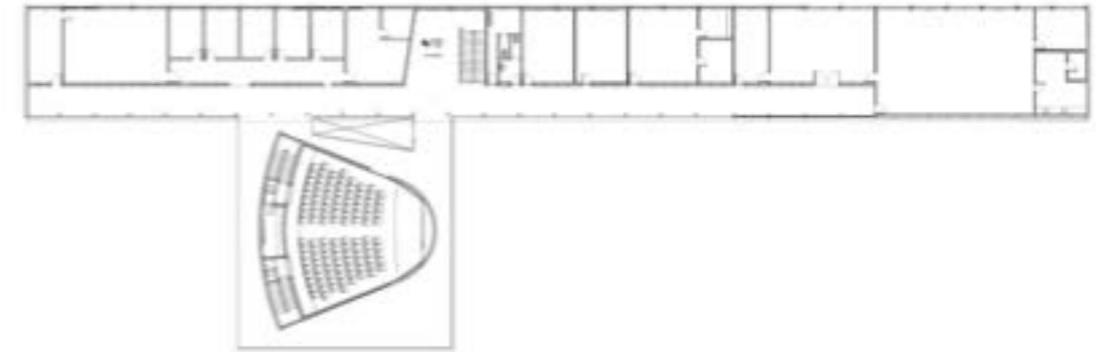
Muitos documentos vêm sendo produzidos sobre os desafios da preservação da arquitetura moderna ressaltando, sobretudo, a fragilidade e vulnerabilidade dos materiais e aspectos construtivos utilizados, o desconhecimento dos processos de degradação destes materiais, a perda da função original destes edifícios, a falta de

08 Planta baixa 1º pavimento - projeto original.



09 Planta baixa 1º pavimento - configuração atual.

10 Planta baixa 2º pavimento - projeto original.



11 Planta baixa 2º pavimento - configuração atual.

reconhecimento como testemunhos históricos e a obsolescência de suas instalações.

Em relação aos princípios que devem orientar a preservação deste patrimônio, parte dos teóricos do campo da preservação defende a adoção dos referenciais teóricos já consagrados: distinguibilidade das intervenções, retrabalhabilidade, mínima intervenção e compatibilidade de técnicas e materiais. No entanto, alguns estudos mais recentes apontam para as especificidades das

intervenções no patrimônio moderno, sobretudo diante da análise das intervenções realizadas nas últimas décadas (MOREIRA, 2011 e BRESSAN et al, 2016).

Nota-se que grande parte das intervenções realizadas nestes edifícios foram baseadas na reconstrução, parcial ou integral, das obras ou em recriações, a partir dos registros dos projetos originais. Um dos caminhos para a solução destes dilemas aponta para o investimento no planejamento e implementação de ações de conservação preventiva nestes bens, que visem evitar a deterioração dos materiais e impedir que o avanço dos processos de degradação acabem gerando a necessidade de intervenções mais invasivas.

Buscando aprofundar as pesquisas relacionadas ao diagnóstico das patologias do Pavilhão Arthur Neiva, o Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz apresentou, em 2015, proposta à Fundação Getty - instituição norte-americana que promove e apoia iniciativas de preservação e conservação das artes visuais e do patrimônio cultural. O apoio da Fundação Getty, dentro de sua iniciativa *Keeping It Modern* - edital internacional para financiamento de projetos, estudos e intervenções no patrimônio edificado moderno - possibilitou a realização de estudos e avaliações que subsidiarão a elaboração do Plano de Conservação Preventiva para o Pavilhão, ora em curso.

O projeto desenvolvido envolveu as seguintes ações: atualização de dados cadastrais e mapeamento de danos do edifício; avaliação do painel de azulejos e seu estado de conservação; prospecção estratigráfica das camadas pictóricas nas paredes, tetos e

esquadrias do edifício; avaliação estrutural do Pavilhão Arthur Neiva e pesquisa documental sobre o projeto paisagístico original do edifício.

MAPEAMENTO DE DANOS DO EDIFÍCIO

Atualmente, o Pavilhão Arthur Neiva abriga salas de aula dos cursos oferecidos pelo Instituto Oswaldo Cruz⁷, laboratórios de pesquisa, gabinetes de pesquisadores, salas para apoio administrativo e logístico, zeladoria, lanchonete, depósito e sanitários. A atualização da base gráfica possibilitou uma melhor compreensão da arquitetura do edifício, revelando ainda algumas intervenções realizadas ao longo dos anos que não haviam sido registradas até então.

As visitas para atualização da base gráfica do Pavilhão Arthur Neiva serviram também para o registro dos danos e patologias localizados nas fachadas do edifício. No mapeamento de danos dos ambientes internos, foram preenchidas 94 fichas de inspeção onde foram registrados os principais danos verificados em cada um dos materiais de revestimento (piso, paredes e teto) e das esquadrias do pavilhão.

Os resultados do mapeamento de danos do Pavilhão Arthur Neiva mostram que os espaços internos estão, de modo geral,

7 Unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz, responsável por produzir “conhecimento, produtos e serviços na área biomédica para atender as necessidades da saúde da população brasileira”. Fonte : <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2>.

mal conservados, evidenciando problemas decorrentes da falta de planejamento das intervenções e manutenção inadequada. O edifício não contou com um projeto único de climatização e, como as intervenções para resolver esta questão foram realizadas de maneira isolada ao longo dos anos, não houve uma preocupação em padronizar as soluções de forma a garantir uma unidade visual no exterior do edifício (SILVA, CARCERERI, ZOUAIN, 2017).

Os ambientes internos apresentam compartimentação excessiva, realizada de forma desarticulada, originando espaços confinados, sem ventilação e iluminação natural adequadas; instalações elétricas e complementares aparentes realizadas, muitas vezes, de maneira improvisada; revestimento dos pisos desgastados pelo uso, manchados e com sujidades reversíveis (em sua maioria); paredes com problemas localizados de umidade.

PESQUISA PICTÓRICA

Devido à falta de referências sobre as cores originais do Pavilhão Arthur Neiva e da existência de registros fotográficos mais antigos apenas em preto e branco, julgou-se necessário realizar uma pesquisa pictórica para identificar as camadas de pintura no interior e no exterior da edificação e, posteriormente, analisar as sequências cromáticas encontradas, de modo a auxiliar a compreensão das intervenções ocorridas no edifício a partir do registro encontrado de suas repinturas.

As prospecções estratigráficas das camadas pictóricas foram realizadas nas áreas internas e externas da edificação para

identificar as camadas de tintas contidas nas argamassas dos tetos, paredes, cobogós, corrimãos, guarda-corpos e esquadrias da edificação. Não foram realizadas prospecções nas paredes e colunas revestidas em pastilhas, entendendo que não seria adequada a remoção deste revestimento que já faz parte da imagem figurativa do edifício.

Nas paredes das salas do primeiro pavimento, a camada da tinta mais antiga encontrada corresponde à cor bege e, no segundo pavimento, foi encontrada a cor cinza escuro. As cores encontradas na maioria das prospecções realizadas foram o bege nas esquadrias e alvenarias, bege e cinza no cobogó e guarda corpo. Nos tetos, a cor predominante foi o cinza, embora nestas áreas poucas camadas de tintas tenham sido encontradas. A partir desta pesquisa, serão realizados testes de pintura para a compatibilização da escala cromática a ser adotada.

AValiação DAS PATOLOGIAS DOS ELEMENTOS ESTRUTURais

A avaliação das patologias dos elementos estruturais foi contratada com o objetivo de avaliar o estado de conservação destes elementos, tendo em vista a presença de fissuras nas ligações de elementos estruturais e/ou alvenarias e manchas de umidade. Foram realizadas inspeções técnicas por apreciação visual, investigações e ensaios químicos, para orientar o diagnóstico das causas dos danos e, embasar as recomendações e metodologias de recuperação destes danos.

Na inspeção visual, realizada para detectar, caracterizar e registrar as patologias presentes nos elementos estruturais do edifício, verificou-se a ocorrência de fissuras na camada de revestimento em 42% das colunas do bloco do auditório. Nas colunas, foram removidas as pastilhas de revestimento para a realização de ensaios de carbonatação e para determinação de potencial hidrogeniônico, teores de sulfatos e cloretos. Com base na análise dos dados coletados, constatou-se que as fissuras não estão associadas ao processo de corrosão de armaduras, mas, provavelmente, relacionadas à expansão da argamassa de revestimento das colunas (SILVA, CARCERERI, ZOUAIN, 2017).

Nas lajes que circundam o volume do auditório, observaram-se manchas de umidade de dimensões variadas, localizadas próximas à junta de união entre os dois blocos, nas bordas inferiores e regiões centrais da laje de piso do terraço. As causas destes danos estão relacionadas à deficiência do sistema de vedação das juntas de dilatação, da impermeabilização da laje do piso da área externa do segundo pavimento e de problemas no funcionamento das pingadeiras existentes no contorno da laje, instaladas na face inferior.

Os guarda-corpos, no segundo pavimento do edifício, possuem fissuras generalizadas e trechos com reparos mal executados na argamassa. As investigações realizadas nestes elementos indicaram que as fissuras estão relacionadas ao processo de corrosão das armaduras do concreto, devido ao baixo cobrimento das mesmas em virtude do tamanho reduzido dos montantes e dos peitoris.

Em relação à avaliação das condições estruturais da parede de suporte do painel de azulejos, foi feita uma nova avaliação da fissura vertical inclinada existente sobre a superfície das peças situadas na parte central do painel de azulejos, com abertura variável entre 0,4 e 0,9 mm. Para investigar as causas da fissura, optou-se inicialmente por abrir janelas de prospecção pela face interna da parede de suporte do painel de azulejos, voltada para a sala de som e vídeo do auditório. Como não foram verificadas anomalias que pudessem indicar problemas estruturais nas demais paredes do bloco do auditório, chegou-se à conclusão de que seria necessário investigar essa fissura pela sua superfície externa. Para tanto, removeu-se uma peça de azulejo para retirada de amostra da argamassa e camada do concreto na parede de suporte do painel artístico, serviço acompanhado pelos profissionais do Departamento de Patrimônio Histórico.

A partir das investigações realizadas no escopo desse projeto, a consultoria para avaliação estrutural indicou que as fissuras são resultantes de movimentação térmica e que não representam riscos à estrutura do Pavilhão Arthur Neiva. A excessiva carga térmica sobre a edificação também contribuiu para expandir a fissura dentro da parede de concreto, que surgiu como uma falha no material devido à sua retração durante o processo de cura e que hoje funcionaria como uma junta de dilatação nesta superfície. A empresa conclui, em seu relatório, que o estresse térmico na parede foi forte o suficiente para gerar o quadro de fissuras.

MAPEAMENTO DE DANOS DO PAINEL DE AZULEJOS

Foi contratada uma consultoria para orientar o mapeamento de danos, coletar e analisar amostras e determinar o estado de conservação do painel de azulejos. Este painel, que compõe a fachada nordeste do auditório do Pavilhão Arthur Neiva, é constituído por cerca de 5.500 peças de azulejos pintadas manualmente com pigmento azul cobalto e novamente queimadas. Originalmente, o painel se estendia do piso do primeiro pavimento ao topo do segundo.

A partir da análise visual e registro das informações gráficas, foi elaborado o mapeamento de danos e patologias do painel de azulejos, em conjunto com a equipe do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz. Também foram feitos registros fotográficos e coletado material para testes e análises laboratoriais, com o objetivo de compreender a composição dos azulejos e suas patologias.

Através da microfotografia em estereomicroscópio, foram identificadas as espessuras das três camadas do azulejo – chacota, vidrada branca e vidrada azul. Foram realizados ainda testes e análises para a caracterização mineralógica das peças, determinação da natureza dos materiais nas várias zonas dos estratos e identificação de fungos, através da difração e fluorescência com raios-X. Os testes de solubilidade identificaram os solventes adequados à remoção das sujidades sobre os azulejos (SILVA, CARCERERI, ZOUAIN, 2017).

Com o mapeamento de danos específico, realizado no painel de azulejos, foi possível identificar pequenas fissuras, perda

do vidrado, perda da chacota, microflora, micro-organismos, manchas, áreas apresentando lacunas, áreas com intervenções desgastadas, entre outros. Além disto, foi possível identificar os aspectos construtivos inerentes à feitura das peças de azulejos e do painel artístico, a tipologia dos danos identificados, quantificar as peças danificadas, aferir o estado de conservação e elaborar um diagnóstico para orientar as ações de preservação do painel.

Das patologias identificadas, grande parte está relacionada a defeitos de fabricação, o que não se caracteriza como um dano de fato ao painel de azulejos, mas poderá facilitar, futuramente, o acúmulo de sujidades no interior das peças. Outras patologias encontradas foram a presença de fungos em algumas peças (sobretudo nas arestas) e pequenas lacunas nos azulejos, que propiciam o acúmulo de umidade e causam crosta negra na superfície das peças, proliferação de microorganismos e alteração da composição artística (SILVA, CARCERERI, ZOUAIN, 2017).

Ao longo desta pesquisa, foi possível diagnosticar que a rachadura horizontal que existia em toda a parte superior do vidrado, foi sanada na última intervenção realizada pelo Departamento de Patrimônio Histórico em 2004, e que os atuais problemas nestas áreas são decorrentes da técnica de reintegração pictórica, em afresco, adotadas no preenchimento das lacunas naquele momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos conduzidos apontam para as principais vulnerabilidades do Pavilhão Arthur Neiva: fatores ambientais de deterioração; incompatibilidade entre materiais utilizados nas reintegrações; falta de ações de valorização da edificação como bem cultural; falta de monitoramento e controle do estado de conservação; manutenção inadequada e/ou insuficiente; pressão dos usuários por alterações para adequação às normas de biossegurança; alterações no edifício sem planejamento ou sem levar em consideração o valor do edifício e ausência de gestão da conservação integrada.

A maior parte dos problemas verificados está relacionada à falta de planejamento das intervenções e ausência de ações de manutenção do edifício. A partir deste diagnóstico e dos dados levantados nos demais estudos realizados, serão definidos os procedimentos e estratégias para reverter as causas dos danos considerados mais graves e estabelecidas as diretrizes e critérios para orientar as futuras intervenções e ações de conservação programada no edifício. As soluções propostas visam ainda conciliar as demandas institucionais e dos usuários do edifício, às ações necessárias à sua preservação, sobretudo através da promoção de atividades de valorização do patrimônio que envolvam os diversos atores que interagem com o Pavilhão no seu cotidiano.

*Barbara Cortizo de Aguiar

Departamento de Patrimônio Histórico, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz | Rio de Janeiro-RJ | barbara.aguiar@fiocruz.br

Elisabete Edelvita Chaves da Silva

Departamento de Patrimônio Histórico, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz | Rio de Janeiro-RJ | elisabete.silva@fiocruz.br

Inês El-Jaick Andrade

Departamento de Patrimônio Histórico, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz | Rio de Janeiro-RJ | ines.andrade@fiocruz.br

Rosana Soares Zouain

Departamento de Patrimônio Histórico, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz | Rio de Janeiro-RJ | rosana.zouain@fiocruz.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa Gamboa (Orgs.). *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017.

ANDRADE, Inês El-Jaick. *Análise crítica e histórica dos instrumentos de tombamento para a aplicação no plano de preservação do campus Fiocruz Manguinhos. Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Impresso; DPH/COC/Fiocruz, 2010.

COELHO, Carla. Plano de Conservação Preventiva. In: AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa Gamboa (Orgs.). *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017, pp. 32-39.

COELHO, Carla; ANDRADE, Inês. *Caderno de subsídios – pesquisa Histórica – Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/COC/Fiocruz, 2012.

COELHO, Carla M. T., CARVALHO, Claudia R. *O diagnóstico de conservação preventiva: Pavilhão Mourisco e Coleções – Fundação Oswaldo Cruz*. In: Actas IX Jornadas de

Arte e Ciência UCP – V Jornadas ARP. *A prática da conservação preventiva*. Porto: Universiade Católica editora, 2015, pp. 111-122. Disponível em <http://arp.org.pt/images/site/agenda/pdfs/2015-V-Jornadas-ARP-UCP-1.pdf>.

COSTA, Renato Gama-Rosa. *Pavilhão Arthur Neiva: Modernidade e Tradição*. In: AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa Gamboa (Orgs.). *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017, pp. 42-59.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. *Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2013. Disponível em www.coc.fiocruz.br.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *Relatório final da obra de restauração dos painéis modernistas – fase 1. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Patrimônio Histórico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

GUANABARA. *Decreto-Lei nº 2, de 11 de abril de 1969*. Define os Bens Integrantes do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Estado da Guanabara e institui medidas para a sua proteção. Guanabara, Rio de Janeiro, 11 Abr. 1969.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL. *Conselho Estadual de Tombamento. Parecer de 16 de novembro de 1999. Tombamento definitivo do Pavilhão de Cursos e Restaurante Central do campus da Fundação Oswaldo Cruz. Conselheiro: Alfredo Britto*. Processo E-18/001.538/98, folhas 84-85, 2001.

_____. *Memorando de 10 de agosto de 1998. Tombamento provisório do Pavilhão de Cursos e Restaurante Central do campus da Fundação Oswaldo Cruz*. Arquiteta: Maria Regina Pontin de Mattos. Processo E-18/001.538/98. 1998

MAGINA, Jeanice de Freitas; MELLO, Fernando Fernandes. *A obra de Roberto Burle Marx para a cidade do Rio de Janeiro – um patrimônio cultural carioca*. In: *Seminário DOCOMOMO Brasil Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Arte*, 8, 2009, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. v. 1.

MORAIS, Frederico. *Azulejaria Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações Ltda, 1988.

MOREIRA, Daniel; ZOUAIN, Rosana; AGUIAR, Barbara C. *Consolidação da caracterização e relevância do Pavilhão Arthur Neiva e proposta preliminar de usos -*

Plano Diretor do Pavilhão Arthur Neiva. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/COC/Fiocruz, 2013.

MOREIRA, Fernando Diniz. *Os desafios postos pela conservação da arquitetura moderna*. Revista CPC, São Paulo, n. 11, p. 152-187, nov. 2010/abr. 2011.

OLIVEIRA, Benedito T. (coord.). *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan; OLIVEIRA, Claudia T. de Andrade; KUHL, Beatriz Mugayar; BAROSSO, Antonio Carlos; MOURA, Norberto Corrêa da Silva; GONÇALVES, Ana Paula Arato; CASTRO, Carmen Silvia Saraiva Maseo de; GALLO JUNIOR, Fábio; CAMPIOTTO, Renata Cima; VERGILI, Rodrigo A. Campagner; OKSMAN, Silvio; CHAVES, Letícia de Almeida. *Plano de Gestão da Conservação do Edifício Vilanova Artigas*. In: Fórum internacional do patrimônio arquitetônico Brasil, 3, 2016, Anais... Portugal, Campinas: IAB, 2016. pp.290-296.

SILVA, Elisabete E.; CARCERERI, Maria L. G.; ZOUAIN, Rosana S. *Estudos para o Plano de Conservação Preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. In: AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa Gamboa (Orgs.). *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017, pp. 75-112.

FONTES DAS IMAGENS

01 e 02- Google Earth, 2015.

03 e 06 - DAD/COC/Fiocruz.

05, 06 e 07 - DPH/COC/Fiocruz, 2016.